

RESUMO DE DISSERTAÇÃO

O SUBJUNTIVO EM PORTUGUÊS E INGLÊS: UMA ABORDAGEM GERATIVA

Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande-MS

Orientando: Mário Márcio Godoy Ribas

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

Banca: Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins (UFMS)

Banca: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues (UEMS)

Resumo: O modo subjuntivo se apresenta como um dos pontos mais difíceis no aprendizado de português por falantes nativos de inglês. Com a intenção de se poder entender melhor o motivo da afirmativa anterior, esta dissertação teve como objetivo realizar uma descrição estrutural do subjuntivo nas línguas portuguesa e inglesa para, então, se compararem os parâmetros nos dois idiomas. Presume-se que esse modo teve uma redução no uso desde o português arcaico, sendo gradativamente substituído pelo indicativo e que, no inglês, praticamente está em extinção. Algumas hipóteses foram levantadas. Todas relacionadas à dificuldade apresentada no aprendizado. São referentes: a) ao número reduzido de ocorrências na língua inglesa, tendo como consequência a ausência de parâmetros; b) a estruturas muito diferenciadas nas línguas do estudo; c) ao fato de o subjuntivo não possuir marcação temporal clara. As análises foram feitas a partir dos preceitos gerativista e mais especificamente o Programa Minimalista. Para melhor compreensão por parte do leitor, um dos capítulos é dedicado à parte histórica do Gerativismo. Na parte diacrônica, foram analisadas as ocorrências do subjuntivo nos primeiros textos da língua portuguesa. Para a análise do subjuntivo na atualidade, além dos julgamentos de gramaticalidade, foram coletados dados de falantes na cidade de Campo Grande – MS. Na comparação do modo entre as duas línguas, a investigação buscou verificar as diferenças nos movimentos que ocorrem a partir da escolha lexical até a execução da forma fonética. A ênfase no trabalho ocorreu sobre MoodP, FinP e VP. Os resultados na pesquisa diacrônica, apesar de poucas ocorrências terem sido encontradas, demonstraram o uso do subjuntivo sem alternância com o indicativo. Já no português contemporâneo, o indicativo esteve presente em 30% das ocorrências nas quais o subjuntivo deveria ser utilizado. Em relação à estrutura, a coincidência nos parâmetros ocorre apenas quando um número reduzido de verbos em inglês é utilizado. As diferenças recaem principalmente sobre a quase total ausência de marcação fonética em praticamente todos os

verbos nessa língua. As alternâncias entre o subjuntivo e indicativo/infinitivo fornecem fortes indícios de vacuidade temporal nas sentenças nas quais o primeiro modo citado ocorre. As diferenças paramétricas, logo, criam dificuldades para o aprendiz de português como língua estrangeira que precisa “desaprender” os parâmetros da sua língua nativa.

Palavras-chave: Gerativismo. Programa Minimalista. Português como língua estrangeira. Modo e Modalidade. Subjuntivo. Licenciamento.

Esta dissertação, aqui resumida principalmente em seus objetivos e resultados, é fruto de estudos do subjuntivo em português e inglês, mais especificamente em relação do ponto de vista de sua estrutura, que é muito diferente nas duas línguas, como demonstrado nos exemplos abaixo:

(1) a. If I had 20 dollars, I would buy a new book.¹

A forma verbal sublinhada está no *simple past*², mesmo indicando hipótese. O que fornece caráter hipotético a ela é o uso do elemento *If*. O *simple past* em inglês não é um tempo utilizado para expressar especificamente essa ideia. Ele pode ser utilizado para indicar um fato ocorrido e concluído no passado, como na frase abaixo.

(2) a. Yesterday I had a meeting with my boss.³

As mesmas ideias podem ser expressas em português da seguinte maneira:

¹ If I had 20 dollars, I would buy a new book.

Se eu tivesse 20 dólares, eu compraria um novo livro.

² Passado simples, tempo equivalente, em muitas situações, ao pretérito perfeito em português.

³ Yesterday I had a meeting with my boss.

Ontem eu tive uma reunião com meu chefe.

(1) b. Se eu tivesse 20 dólares, eu compraria um livro novo.

Na frase em português, a ideia de hipótese não depende somente do elemento “Se” (pelo menos normativamente), mas também da forma verbal no pretérito imperfeito do subjuntivo, que é diferente da forma verbal do pretérito perfeito do indicativo:

(2) b. Ontem eu tive uma reunião com meu chefe.

Esses não são os únicos casos de subjuntivo em ambas as línguas. Nas duas, é possível utilizá-lo no pretérito, presente e futuro, bem como em formas simples e compostas, entretanto, em poucos casos, a diferenciação acontece em inglês. E, quando acontece, assume-se que os falantes preferem o uso de formas verbais no indicativo.

Além dessa, algumas outras hipóteses foram levantadas: a) o número reduzido de ocorrências na língua inglesa, tendo como consequência a ausência de parâmetros; b) estruturas muito diferenciadas nas línguas do estudo; c) o fato de o subjuntivo não possuir marcação temporal clara.

Para se chegar aos resultados, o trabalho, na sua versão completa, foi dividido da seguinte maneira:

O capítulo 1, com o título GRAMÁTICA GERATIVA: SUA HISTÓRIA, aborda a evolução do gerativismo, com informações desde as primeiras questões filosóficas, no século XVIII, relacionadas ao uso criativo da língua (finitude de parâmetros e infinitude de frases). O capítulo sobre a história dessa teoria segue pelos fatos e conceitos gerais mais importantes até chegar ao último estágio desenvolvido pelo cientista supracitado, o Programa Minimalista.

Já no capítulo 2 (O SUBJUNTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB): DA ORIGEM À

ATUALIDADE), busca-se identificar o processo de transformação do subjuntivo desde o latim até o português contemporâneo. Esse capítulo auxilia a provar a hipótese de redução do uso do subjuntivo na língua portuguesa.

No penúltimo capítulo (3, O SUBJUNTIVO EM INGLÊS E PORTUGUÊS), as estruturas referentes a ambas as línguas são identificadas para que, no capítulo final, sejam estabelecidas as RELAÇÕES PARAMÉTRICAS ENTRE O PORTUGUÊS E O INGLÊS. Dentro desse último capítulo, elencamos algumas das dificuldades do aprendiz na aquisição do português como L2.

Resultados

É possível a divisão dos resultados deste trabalho em três vertentes: a primeira diz respeito à história do subjuntivo na língua portuguesa; a segunda, ao uso do subjuntivo em inglês e português na sociedade atual; e, a terceira, à estrutura do subjuntivo e a suas relações paramétricas na língua portuguesa e na língua inglesa.

Quanto à alteração histórica, foi possível identificar que os tempos e modos em latim não correspondem aos verbos em português. Em várias línguas neolatinas, o uso do subjuntivo vem perdendo força, já que houve redução do número de tempos desse modo, conforme informa Viaro (1998).

Já no português atual, realizamos entrevistas em Campo Grande – MS. Nesse *corpus*, das 33 ocorrências que normativamente deveriam estar no subjuntivo, 10 delas apareceram no indicativo: um percentual de 30,3%. Importante ressaltar que a diferença de uso entre os falantes pesquisados foi mínima: a falante A utilizou 30,4% das frases no subjuntivo; e o falante B, 30,0%.

Os números citados são mais um indício de uma das hipóteses levantadas por esta pesquisa: a redução do uso do subjuntivo. Já em inglês, a pesquisa de Vlasova (2010) trata dessa redução e serve de indício da redução na língua em questão.

Nos estudos relacionados à estrutura do subjuntivo, chega-se à conclusão que o subjuntivo na língua portuguesa é mais notável pelo fato de, nesse idioma, os modos e os tempos serem evidentes pelas marcações fonéticas inclusas na própria palavra. Dessa maneira, o modo em português é uma categoria mais evidente. No inglês, o subjuntivo não possui o mesmo destaque que em português devido à quase total ausência de desinências modo-temporais, sendo as marcações realizadas por palavras modais alocadas em T.

A partir da análise dos dados, é possível concluir que a modalidade relacionada a *irrealis* em inglês não é marcada especificamente no verbo; logo, pode acontecer em T ou por uma palavra que forneça carga semântica hipotética, como um advérbio que estará posicionado em outro sintagma. Já, em português, são várias as possibilidades de licenciamento do subjuntivo, sendo em muitos casos não relacionados a *irrealis*.

Entrando em resultados referentes às relações paramétricas, conclui-se que existem alguns verbos em inglês que licenciam estruturas similares na língua portuguesa, como o verbo *to recommend* e alguns outros verbos de influência/permissão. Esses verbos além fornecerem a possibilidade do elemento *that*⁴ no CP, também licencia, como em português, o subjuntivo na subordinada. Essa estrutura foi a mais próxima da língua portuguesa, já que o subjuntivo em ambas também pode ser substituído pelo indicativo sem causar agramaticalidade no julgamento de um grande número de falantes.

Entretanto, quando há a possibilidade de se utilizar outra forma verbal em inglês, os falantes possuem uma forte tendência a segui-la. Isso cria, quando possível, frases no infinitivo ou com o modal *should*. É possível traçar uma aparente relação com a língua portuguesa, pois essa também permite tal recurso, todavia alguns movimentos são diferentes: o objeto do verbo da principal em inglês movimenta-se para o sujeito da subordinada em português, por exemplo.

O uso do infinitivo é um indício que prova a ausência de marcação temporal do subjuntivo. Essa afirmação é resultado de várias comparações, inclusive de alternância de tempos constantes no item 4.6 da dissertação na versão completa. As palavras *caso* e *se* são exemplos de similaridade semântica que licenciam estruturas diferentes: quando a primeira utiliza o

⁴ que

presente do subjuntivo, por exemplo, a alteração para a palavra *se* fará uma alteração em T, licenciando apenas o futuro do subjuntivo. Apesar da alteração no tempo do verbo, os tempos de acontecimento das ações e a modalidade de hipótese não são alterados. No entanto, o inglês não possui esse tipo de alteração, porque o subjuntivo é licenciado somente por um número limitado de verbos. Essa relação de tempo entre frases ocorre de várias outras formas na língua portuguesa.

Outro ponto relacionado à ausência de tempo no subjuntivo é o uso da conjunção *embora*, que, ao ser substituída por conjunções coordenadas, aceita somente o indicativo. O uso de , entre vários outros abordados em todo o texto, também é ponto que reforça que o conceito incompleto de se relacionar o modo subjuntivo a fatos hipotéticos não é correto, já que a conjunção citada exige, na mesma oração que ela, situações factuais.

Mesmo com as possibilidades listadas de alternância indicativo/subjuntivo, elas não ocorrem aleatoriamente. Nas duas línguas, ainda existem situações nas quais o subjuntivo é um modalizador de *irrealis*, e o uso de outro modo criará frases agramaticais ou ambíguas.

Portanto há poucas semelhanças e várias diferenças entre as línguas ao se considerar o uso do subjuntivo, principalmente pelo fato de algumas frases no infinitivo ou indicativo somente aceitarem o subjuntivo (ou indicativo para muitos falantes) em português.

O falante deve, pois, ser capaz de aprender a não utilizar os parâmetros de sua língua materna para poder se expressar com eficiência na L2.

Já o falante em níveis avançados poderá entender a língua, porém não será capaz de fazer julgamentos de gramaticalidade com eficiência quando há alterações no modo mais usual. Uma possibilidade de esse fato acontecer é a falta de informação nos materiais didáticos de PLE sobre como a língua é utilizada em situações reais, prendendo-se à visão tradicional da gramática normativa.

Com esses resultados, é possível entender melhor sobre o modo subjuntivo e seus equivalentes em português e inglês e, conseqüentemente, poder, a partir de outras pesquisas, buscar o



EDIÇÃO 22 - ABRIL DE 2023
ARTIGO RECEBIDO 01/01/23
ARTIGO APROVADO ATÉ 01/02/23

aprimoramento dos materiais didáticos disponíveis, auxiliando na disseminação da língua portuguesa pelo mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RIBAS, M. M. G. *O Subjuntivo em português e inglês: uma abordagem gerativa*. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

VIARO, M. E. Estratégias no ensino dos verbos irregulares do PLE para alunos falantes de outras línguas românicas. In: *Cadernos do Centro de Línguas*. v. 2. São Paulo: Humanitas, 1998.

VLASOVA, O. *The Mandative Subjunctive in American English: a corpus-based study on the use of mandative constructions*. Dissertação (Department of Literature)- University of Oslo, 2010.